



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JANAINA OLIVEIRA DINIZ

**A MORTE MÍSTICA EM MARGUERITE PORETE: CAMINHO,
ANIQUILAMENTO E RETORNO**

**CAMPINA GRANDE- PB
2016**

JANAINA OLIVEIRA DINIZ

**A MORTE MÍSTICA EM MARGUERITE PORETE: CAMINHO,
ANIQUILAMENTO E RETORNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Filosofia sob orientação da Prof.^a Dr. Maria Simone Marinho Nogueira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D585m Diniz, Janaina Oliveira
A morte mística em Marguerite Porete [manuscrito] :
caminho, aniquilamento e retorno / Janaina Oliveira Diniz. - 2016.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia".

1. Literatura Francesa 2. Morte Mística 3. Mística Medieval
Feminina 4. Aniquilação I. Título.

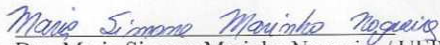
21. ed. CDD 843


JANAINA OLIVEIRA DINIZ

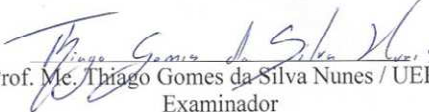
**A morte mística em Marguerite Porete: aniquilamento, caminho
e retorno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 11/05/2016.


Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Msc. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda a sua generosidade, por todo o seu amor e compreensão. Por cuidar dessa minha jornada de vida com todo carinho e amor. A ti senhor, meu criador, meu bem amado, aquele que está dentro de mim muito antes que eu fosse eu, meu muito obrigado. Obrigada por permitir todas as conquistas de minha vida. A ti me rendo e me esvazio para retornar para seus braços.

A meus pais Maria do Céu e João Antônio. Meu pai que hoje não se encontra aqui, pois retornou para o criador, mas sei que mesmo longe está feliz com minhas conquistas até esse momento. Meu muito obrigada, pai, por me educar, por desejar sempre o melhor pra mim. Nesse dia tão importante sei que se faz presente, pois esse é o nosso sonho que está sendo realizado. O senhor estará sempre em meu coração, me acompanhando e me abençoando por onde eu for. Pai obrigada por seu amor, te amo. A minha mãe, essa batalhadora e vencedora que está sempre ao meu lado apoiando todas as minhas escolhas e sempre me aconselhando sabiamente com suas palavras. A senhora, minha mãe querida, agradeço de todo coração por fazer parte da minha vida, por sonhar esse projeto juntamente comigo e por estar aqui para vê-lo realizado. Saiba que tem toda a minha admiração, pois és uma pessoa maravilhosa que amo mais que tudo. Esse é o nosso sonho meus queridos pais, que está sendo realizado não somente por mim, mas por vocês e para vocês. Amo vocês na forma mais genuína de amar.

A minha bem amada, a filosofia, com a qual mantive e mantenho uma relação de amor e ódio, pois projetou em mim suspeitas e inquietudes que são difíceis de responder e algumas possivelmente não tem resposta. A você minha amada e odiada filosofia, obrigada! Obrigada pelas noites de insônia, preocupação e por permitir todos os momentos de contemplação, por me fazer perceber a felicidade e a satisfação nas coisas mais simples e muitas vezes nas coisas mais banais, por esses e muitos outros momentos, tristes e felizes, te agradeço por ter entrado em minha vida. Foi você que me permitiu contemplar e viver formas verdadeiras do amor, dentre essas maneiras encontra-se a amizade, essa que você me fez encontrar e descobrir que é a forma mais pura e desinteressada de amar. Minha amada filosofia, você me apresentou a amizade e com ela me doou dois grandes tesouros chamados Adelino Silva e Pedro Claudemir, sem eles nada seria possível.

A meus grandes amigos de vida, meus irmãos queridos, Adelino e Pedro, meu muito obrigado por existirem, por me deixarem fazer parte de suas vidas e por fazerem parte da minha. Não

importa o que o futuro nos reserva, serei sempre grata a vocês por todas as vezes que me escutaram, me aconselharam, por sempre estarem presentes em minha vida independente da situação. Amo vocês para além do tempo.

A meu amigo e colega de turma Adalberto Nogueira, pelos momentos de risos e leveza que tivemos nos corredores da UEPB. A meu querido primo Itamar Diniz, por dedicar sempre um momento do seu dia e por ter sempre palavras agradáveis a me dizer. A Rodrigo Andrade por me acompanhar em grande parte dessa jornada, me acalmando sempre nos momentos difíceis. Há vocês meu muito obrigado.

A minha orientadora Simone Marinho, por toda sua compreensão, paciência, por manter a calma quando eu não estava calma, por dividir comigo todo o seu conhecimento e por ser esse exemplo de profissional e de pessoa. A senhora é um exemplo a ser seguido, que me inspira cada dia mais a buscar por meus objetivos. Muito além de uma professora, és uma mulher que serve de espelho para aqueles que a rodeiam. Agradeço também, a autora que resolvi estudar mais a fundo, Marguerite Porete, por ser uma mulher a frente do seu tempo, por me proporcionar as melhores leituras, e ser exemplo de mulher.

A minha amada Campina Grande, por me proporcionar momentos de tirar o fôlego, por me apresentar pessoas incríveis, como Whelton Brito, Maria da Conceição, Abisague, Flávia Raquel, Kallina Jales e muitos outros, que fizeram e fazem parte da minha vida. A vocês, meu muito obrigado, pois vivemos momentos maravilhosos de descobertas e diversão. Agradeço também aos meus colegas de turma, que de forma direta e indireta colaboraram para esse momento.

Meus agradecimentos ao Programa de Iniciação a Docência da Capes, aos alunos, e a todos os profissionais da Escola Nenzinha Cunha Lima e Virgílio de Gama Melo, em especial, Kaligiana Farias e Diniz Meira. Agradeço também a todos os meus professores da UEPB, especialmente ao meu professor e mestre Reginaldo Oliveira, por compartilhar de forma sábia uma parte de seu conhecimento. De maneira geral, agradeço a todos que, direta ou indireta, contribuíram para minha formação.

A meu bem amado, que me proporcionou a alegria dos meus dias até aqui e me mostrou toda a força do Amor.

Aos meus pais, Maria do Céu e João Antônio, por todo o seu apoio e amor incondicional.

O verdadeiro amor nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de uma fé sincera, e ama o bem do próximo como se fosse seu.

São Bernardo de Claraval

RESUMO

No presente trabalho realizaremos uma breve abordagem da mística medieval feminina, refletindo acerca do pensamento da autora francesa Marguerite Porete, escritora do século XIII que fazia parte da tradição beguina. Será utilizada como referência primária a única obra da autora, *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Na pesquisa temos como objetivo geral realizar uma reflexão sobre o tema da *Morte Mística*, que aqui também será compreendida como retorno ou reencontro. Os objetivos específicos serão conduzidos para a questão do aniquilamento e sua finalidade, percorrendo o caminho que este traça para então chegar à *morte mística*. Tal percurso passa pelos três tipos de morte que são: a morte do pecado, a morte da natureza/espírito e a morte da vontade; seguidos pelos sete graus da Alma. Marguerite nos apresenta uma mística especulativa e uma autorreflexão sobre si mesma e o mundo ao seu redor. Em sua obra, ela aborda questões referentes ao conhecimento, à liberdade e apresenta uma mística diferente das demais, nos mostrando uma nova visão do Cristo. Porete fala sobre a *imitatio Christis*, isto é, tornar Cristo em exemplo no que diz respeito ao abandono das vontades, essa que é parte primordial para o aniquilamento.

Palavras-chave: Marguerite Porete. Morte mística. Aniquilação.

ABSTRACT

In this work we will have a brief overview of female medieval mystics, reflecting on the thinking of french author Marguerite Porete, XIII century writer who was part of the Beguine tradition. It will be used as a primary reference the only work of the author, *The mirror of the simple souls who are annihilated and remain only in will and desire of love*. In the research we have as a general objective to make a reflection on the theme of *death mysticism*, which here will also be understood as return. The specific objectives will be conducted to the issue of annihilation and its purpose, walking the path that it traces to then reach the mystical death. This route passes through three types of death: the death of sin, death, nature/spirit and the death of the will; followed by seven degrees of the Soul. Marguerite presents a speculative mystical and self reflection about herself and the world around you. In her book, she talks about knowledge, freedom and presents a different mystique of others, showing us a new vision of Christ. Porete talks about *imitatio Christis*, that is, become Christ in example with regard to the abandonment of wills, that it is essential part for annihilation.

Key-words: Marguerite Porete. Mystical Death. Annihilation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I: MULHERES MÍSTICAS E PERÍODO MEDIEVAL	14
2.1 MÍSTICA.....	14
2.2 O MOVIMENTO DAS BEGUINAS	15
2.3 MARGUERITE PORETE: VIDA E OBRA	16
2.4 O MIROUER: O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES	19
3. CAPÍTULO II: MORTE MÍSTICA: CAMINHOS PARA O ANIQUILAMENTO...21	
3.1 AS MORTES SEGUNDO MARGUERITE PORETE.....	21
3.2 OS GRAUS DA ALMA, ANIQUILAMENTO E RETORNO.	24
4. CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho irá abordar o pensamento da autora francesa Marguerite Porete, na obra *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanece somente na vontade e no desejo do Amor*, essa que foi sua única obra, será também nossa principal fonte de estudo. A pesquisa em questão tem como objetivo geral realizar uma reflexão acerca do tema “A Morte Mística”, que também pode ser compreendida segundo Porete como o lugar onde estava a alma antes de ser, ou como a mesma faz referência em alguns momentos da sua obra, o retornar. O objetivo específico terá sua reflexão em torno da questão do aniquilamento e qual seria a sua finalidade, esse que por sua vez é o começo e o próprio fim, sendo dialogado durante toda a obra como fator essencial para o reencontro com o divino.

Marguerite nasceu no Condado de Hainaut, na cidade de Valenciennes, na França, por volta de 1260. Era considerada por alguns uma beguina, no entanto, não se sabe ao certo, pois pouco é sabido sobre a sua vida, porém, é nítido o conhecimento teológico, filosófico e literário da autora, devido a isso, acredita-se que fazia parte da alta sociedade, pois a educação no período medieval era privilégio de poucos e somente as famílias ricas tinham condições de proporcionar educação a seus filhos. Em 1310 Marguerite foi condenada como herética, devido ao seu livro, que segundo a Igreja apresentava manchas de depravação em seu conteúdo, sendo a obra inapropriada e traidora da moral e da ética religiosa. Julgada e condenada à fogueira pelo processo inquisitório, isso não impediu que as palavras da autora se propagassem pelo mundo.

O livro de Porete é considerado por muitos como uma das grandes obras místicas de seu tempo, visto que, a autora em questão apresenta uma nova visão sobre Cristo e o papel da mulher no período medieval. A mística poretiana apresenta um diferencial sobre as demais místicas, chegando a assemelhar-se à mística de Pseudo-Dionísio, que aborda a questão da linguagem e do silêncio. No período medieval as mulheres eram consideradas indignas de conhecer e até mesmo aproximar-se de Deus. O argumento utilizado era a questão do pecado original cometido por Eva, com isso, as mulheres, filhas de Eva, eram proibidas de pregar, pois poderiam causar desejo e assim corromper as almas masculinas. Também eram proibidas de demonstrar sua intelectualidade em público. Com isso algumas mulheres/beguinas, se alto flagelavam, pois tomavam para si o exemplo do sacrifício de Cristo, em deixa-se ser açoitado e crucificado. Acreditavam e se faziam acreditar que somente assim seriam puras e dignas do amor de Deus. No ponto em questão apresenta-se o diferencial da mística poretiana. Em sua obra Marguerite apresenta uma nova visão de Cristo e nos mostra que, segundo o seu

pensamento, a alta flagelação não faria parte da vontade de Deus, mas sim o abandono de suas próprias vontades. Na obra de Marguerite não existe dor, pois a mesma abandona a tudo, incluindo aquilo que sente. Sendo assim, o exemplo que se deve seguir de Cristo é o abandono das vontades e o desprendimento material, somente Deus e a sua vontade importariam. Segundo Silvia Schawartz:

A verdadeira imitação de cristo para Marguerite era o ato de abandonar a vontade humana à vontade de Deus. Cristo não deveria ser um modelo para as obras de flagelos, e o *imitatio Christis* não deveria ser entendida como uma fixação nas feridas sangrentas do Senhor em agonia, mas como uma teofania da verdadeira *Kenosis*, o esvaziamento da vontade pela aniquilação (SCHAWARTZ *apud* ALMEIDA, 2012, p. 159).

A “verdadeira imitação de Cristo” seria, então, a maneira como o mesmo amou a seu pai, tão grandemente, que o colocou acima de tudo e de sua própria vontade, para então realizar a vontade de Deus. A vontade de Deus para Porete deve ser acima de tudo, pois somente na vontade de Deus estaria a Alma (personagem do livro) vazia de si e preenchida com o amor divino. Esse amor é citado no livro do início ao fim e é o personagem central da obra, no qual a autora escreve por ele e para ele.

O livro “*O Espelho das Almas Simples*” é considerado por alguns estudiosos como uma obra literária, mas, a sua leitura nos mostra uma mística especulativa e uma alta reflexão da autora no que diz respeito ao mundo, à religião e a si mesma. Podemos perceber em sua obra influências de Santo Agostinho e Platão. Outro diferencial de sua obra é a colocação da ausência de mediadores para com o divino, ou seja, para Porete não se faz necessário a intermediação entre o homem e a divindade, pois o homem pode por si só falar diretamente com Deus, com isso podemos compreender a transformação do homem em uma espécie de pequeno Cristo, visto que, segundo a Bíblia, Jesus Cristo é o único intermediário entre o homem e Deus. Com a compreensão de sermos pequenos Cristos, também se pode segundo autora conhecer a Deus ainda em vida.

Com abertura dessa possibilidade do conhecimento do divino ainda em vida, Marguerite descreve em sua obra, que é abordada em forma de diálogo em grande parte do livro, um caminho a ser percorrido para então se encontrar com Deus. Porete nos apresenta em seu livro três tipos de mortes e sete estágios ou graus da alma, que possibilitam esse encontro ou como a autora fala em algumas passagens, esse retornar. A esse encontro/retornar Marguerite definirá como Aniquilação. O aniquilamento é o ápice, o momento final onde a alma (personagem do livro) encontra-se purificada e despojada de si, pronta para receber Amor (personagem central do livro). O aniquilamento, além de uma purificação, é o reencontro do homem com Deus, é o retornar para casa, visto que podemos compreender

Deus, em Marguerite, como criador e pai de tudo o que existe e de tudo virá a existir. A alma é então aniquilada e arrebatada em direção a esse reencontro, tornando-se uma só com Deus na vida de glória ou vida eterna, esse momento acontece no sétimo estágio, quando por fim a Alma percorre o caminho de volta para casa, entretanto, a autora nos deixa claro que sobre tal momento não se pode falar:

Alma: É o mais elevado arrebatador que me toma e se junta a mim no centro da essência do amor divino no qual estou dissolvida, diz essa Alma. Portanto, é justo que me recorde dele, pois para Ele retornarei. É preciso se calar sobre esse estado, diz essa Alma, pois nada se pode dizer sobre Ele (PORETE, 2008, p. 142).

Esse sétimo grau/estágio é o momento em que, por fim, a Alma reencontra a Deus, é o momento em que acontece a morte real, essa que é também uma das finalidades das finalidade do aniquilamento, pois a aniquilação é a busca pela unidade com Deus e uma vida eterna com Ele, na qual, irá acontecer no sétimo grau. O aniquilamento é a porta de saída da vida finita que é composta pelas vontades do EU, e a porta de entrada para a vida eterna com Amor/Deus.

O trabalho em questão será dividido em dois momentos: O primeiro momento é composto por uma contextualização histórica, que abordará de forma breve o surgimento do movimento místico, sua conceituação e a definição subjetiva do mesmo; será também relatada a atuação da mulher/beguinas no período medieval e sua espiritualidade, por fim, falar-se-á sobre a vida e obra de Marguerite Porete. O segundo e último momento de nossa pesquisa, falará sobre o pensamento da autora, abordando os três tipos de mortes que são citados em sua obra, são elas: A morte do pecado; a morte da natureza/Espirito e a morte da vontade. Essas três mortes fazem parte do caminho que a Alma (personagem do livro) deve percorrer para então chegar ao aniquilamento, esse que é o objeto principal do seguinte trabalho. Ainda no segundo momento, falar-se-á sobre a questão dos *Sete Graus da Alma*, esses que juntamente com os três tipos de morte são a causa e a composição do aniquilamento. A aniquilação é também o ponto principal da obra e a questão-chave de nosso trabalho, pois é ela quem abre a porta e nos conduz durante todo o livro, nos levando por fim, ao tema central da seguinte pesquisa; a morte mística.

2. CAPÍTULO I: MULHERES MÍSTICAS E PERÍODO MEDIEVAL

A idade média foi marcada pelas relações de poder entre a Igreja e o povo, e regida por uma sociedade patriarcal. Entre os séculos XIII e XV, no período tido como baixa idade média, a Europa Ocidental encontrava-se imersa em mudanças de cunho espiritual, intelectual e político. Diante dos acontecimentos que se davam nas relações de poder, surgiram grupos que resistiram ao domínio exercido pela inquisição da igreja católica. Dentre esses grupos podemos destacar o movimento místico, que traz em seu discurso alguns pontos contrários aos dogmas pregados pelos clérigos, apresentando uma nova interpretação dos textos bíblicos e da doutrina cristã. A mística medieval era composta, também, em boa parte, por mulheres, das quais podemos destacar como um de seus principais nomes, Marguerite Porete. O movimento místico, espiritual e religioso, do qual faziam parte as mulheres, fora denominado de movimento das beguinhas.

2.1 MÍSTICA

Ao falarmos de mística medieval, automaticamente dirigimos nossos pensamentos para as mulheres, pois as mesmas dominaram esse movimento, porém, vale ressaltar a presença masculina de nomes como: Pseudo-Dionísio, Mestre Eckhart, Ruysbroeck e Tauler. O Falar místico feminino no período medieval era executado por meio de *alegorias, metáforas, poesia e visões*. Essas foram algumas das maneiras encontradas pelas mulheres para articularem seus pensamentos e serem ouvidas. Em especial nas visões, pois aqui argumentavam que era o próprio Deus que falavam por elas. Segundo Troch:

As visões – compreendidas como contato imediato com o divino – são um meio, um estilo, uma forma para aumentar a importância do conteúdo. Não chega a ser surpreendente que as mulheres façam uso desta forma literária, afinal, no campo teológico, os homens normalmente eram aqueles que determinavam a verdade. Para as mulheres ratificarem e afirmarem a importância de sua voz, precisaram articular seus conteúdos dizendo que a palavra provinha diretamente de Deus. A visão, portanto, é *um conceito estratégico* para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade (TROCH, 2013, p. 4).

Com o argumento das visões as mulheres eram ouvidas e suas palavras eram levadas em consideração, pois as palavras que saíam de suas bocas tinham origem na própria divindade. A mística, como já fora dito, vem em contraponto com alguns dogmas religiosos. Podemos compreender que a própria mística entendia que a religião vinha se perdendo do que seria seu objetivo principal: Deus. O perder-se de Deus dava-se devido à busca de conhecê-lo, esse buscar a Deus era uma procura por meio de vias humanas, ou seja, o homem queria conhecer a Deus buscando o próprio homem, e quanto mais o buscava, mais encontrava a si mesmo.

Por outro lado, a mística traz consigo uma definição simples de seu real objetivo, é preciso esvaziar-se de si mesmo para então não conhecer, pois esse não deve ser o objeto de sua busca, mas sim, o encontrar a Deus, a experiência mística/espiritual com o divino.

A mística medieval cristã tem como desígnio a união do homem com a divindade, o tornar-se *Uno* com Deus. Segundo OLIVEIRA (2011, p. 60), na tradução grega “o advérbio *mystikôs*, [...] traduz-se por “secretamente”, na antiguidade, pertence ao vocabulário dos mistérios. [...] *mystikôs* deriva de *myo*, que, em sentido próprio, significa “se fechar” [...]”. Esse fechar-se se refere a toda e qualquer abertura que o corpo possa ter, “olhos”, “lábios”. Na mística cristã, podemos compreender esse “fechar-se” como um abandono e o esvaziar-se das coisas externas, não lhes restando mais nada, mas tornando-se um só, retornando ao princípio de tudo, Deus. A mística assim como a filosofia, deve ser considerada um estilo de vida, um modo de se viver.

2.2 O MOVIMENTO DAS BEGUINAS

A mística feminina medieval era em sua grande maioria relacionada ao movimento das beguinas. O termo beguina estaria relacionado a “uma antiga tradição do século X”. Podemos dizer que as beguinas eram suas próprias *instituições*, onde as mulheres criavam uma espécie de *cidade dentro das cidades*. Eram nessas cidades criadas por elas, que seus pensamentos e ideias eram desenvolvidos. A estrutura das minicidades criadas pelas beguinas eram compostas por casas construídas em círculos, com pátios, e somente uma porta de entrada. Era em seu interior que suas ideias tomavam formas e que cada mulher descobriria sua própria individualidade, cada beguina teria sua própria casa, seu espaço, sua privacidade. Deve-se levar em consideração que, possivelmente, as primeiras beguinas eram mulheres da alta sociedade medieval, que talvez não desejassem o matrimônio, e se aliaram a mística em busca de liberdade, em busca de uma independência, que talvez somente o movimento místico as proporcionaria naquele período.

As beguinas não tinha nenhuma relação com outros órgãos; seu sustento vinha de seu trabalho. Independentemente economicamente, intelectuais e democráticas, as beguinas eram mulheres a frente de seu tempo. Seu movimento não era guiado pelas regras religiosas da Igreja Católica, instituição que determinava as normas no período medieval, mas mantinham seu pensamento liberto dos dogmas da igreja. Devido à falta de vínculos com o pensamento religioso cristão, muitas das beguinas foram perseguidas e condenadas à fogueira por serem tidas como heréticas, a exemplo temos Marguerite Porete.

Bruxas, loucas, heréticas, eram assim que as mulheres/beguinas eram denominadas, vale ressaltar que tais denominações partiam de uma sociedade completamente patriarcal, na qual, o simples fato de uma mulher emitir sua voz em alto e bom som para todos ouvirem era tido como loucura e blasfêmia. Suas falhas talvez se encontrem na questão de serem ouvidas, visto que uma sociedade dominada pela voz masculina não teria e tão pouco permitiria dividir seu espaço. Vejam a citação a seguir:

Mulheres que falam. A transgressão que representa este ato não reside propriamente no falar. As **vozes que sonham** no interior dos espaços privados, femininos, não são transgressoras em si mesmas. A transgressão está em serem ouvidas. É o falar em público o que irrompe como perversão no cenário da baixa Idade Média. A quem falam? Falam nos conventos e nas beguinarias, nas praças e nas pontes, discutem e falam entre si. Porém, o forte impulso transgressor das vozes femininas no século XIII se encontra em que **falam para todos em voz alta**. Certamente que a prática da mediação feminina, ou seja, a existência de um ensino feminino em círculos de mulheres é um fato importante, novo não tanto por sua existência como por transcender os limites do convento e propor-se tacitamente como paralelo ou substituto da mediação masculina (GARI e WOLFF *apud* ALMEIDA, 2011, p.11).

O falar de uma mulher, em um período onde somente os homens poderiam ser ouvidos, não poderia ser ignorado, tão pouco a sua atitude em serem mediadoras entre o humano e o divino, tais casos não poderiam ser perdoados pela Igreja. Eram mulheres, as filhas de Eva, portadoras do pecado Original e não seguidoras das leis cristãs, sendo assim, em tal sociedade, onde eram tidas como coadjuvantes, jamais seria permitido a elas o papel principal. Caçadas e condenadas à morte por heresia, as beguinas eram mulheres fortes, sabias, e como já dito anteriormente, independentes economicamente e a frente do seu tempo. Devido a essa independência econômica, vale ressaltar, também, a possibilidade de a “caça as bruxas” ser não somente pela tentativa de ecoarem suas vozes, mas também por outros interesses, pois ao serem condenadas e queimadas, seus bens eram confiscados pela igreja.

Mesmo com toda a perseguição da Igreja Católica, o movimento das beguinas cresceu e se espalhou pelo mundo. Suas vozes que antes não podiam ser ouvidas ecoam até hoje, mostrando-nos a força das mulheres e a importância de seu pensamento para o período medieval e para os dias atuais. Uma fiel representante desse movimento foi Marguerite Porete que com sua força e determinação, morreu afirmando aquilo que pensava.

2.3 MARGUERITE PORETE: VIDA E OBRA

Nascida por volta de 1260, no Condado de Hainaut, na cidade de Valenciennes, hoje sendo os atuais limites entre França e Bélgica, Marguerite Porete é um dos grandes nomes da mística medieval feminina, sua escrita nos revela um vasto conhecimento literário, filosófico e religioso. Devido ao grande conhecimento intelectual que Marguerite nos apresenta em sua

obra, provavelmente ela teria feito parte da alta sociedade medieval, ou até mesmo parte da aristocracia. Considerada por muitos uma beguina, porém não se sabe ao certo se a mesma assim era, “no sentido clássico do termo”, mas o estilo de vida, de mendicância e errância em que Porete viveu nos mostra, um estilo beguina de ser (TEIXEIRA, 2008, p18).

O contexto histórico em que Marguerite viveu era composto por um clima de fervor religioso. Em meio ao século XIII, esse clima efervescente dominava as pessoas e, cada vez mais, crescia a busca pela religião, por uma vida apostólica, na qual, a busca pela fé cristã e pela vida religiosa era cada vez mais intensa. Inserida nesse contexto histórico, é certo que o mesmo influenciou Porete a buscar sua espiritualidade e a querer propagar suas palavras, pois nossa autora tinha conhecimento sobre os textos bíblicos e um estilo de vida semelhante ao das beguinas. O fervor religioso que existia nas demais pessoas, existia também em Porete, no entanto, de forma bem mais intensa. Nossa autora não se contentou em viver somente as palavras propagadas pela religião, ela desejava muito mais que uma vida teórica, Marguerite queria incessantemente uma vida que fugisse da teoria e a colocasse na prática, talvez tenha sido esse o encontro entre Porete e a mística.

A busca de Porete por uma vida prática, por algo que elevasse verdadeiramente sua espiritualidade ao máximo, é relatada em sua obra *O Espelho das Almas Simples*, onde a autora nos deixa claro que seu objetivo é a unidade entre sua alma e o divino. Podemos considerar que os escritos de Porete é um relato de sua própria vida, porém, foi por meio de sua obra que nossa a autora foi condenada à fogueira. Por volta de 1290 a 1306, período em que possivelmente seu livro chegou a público, Marguerite sofre seu primeiro processo diocesano, emitido pelo bispo de Cambrai, Guy de Colmieu. Tal processo não impediu Porete de espalhar suas palavras, seu conhecimento, mas possivelmente a incentivou, pois ela enviou sua obra a três grandes autoridades teológicas de seu tempo, o primeiro deles foi o Frei João, para ele tal escrito seria obra do próprio “Espírito Santo”. Dom franco foi o segundo a receber o livro, onde, segundo ele, as palavras contidas na obra de Porete eram verdadeiras. Por fim, Marguerite envia seu livro para um mestre em teologia chamado Godfrey de Fontaines, que a aconselha manter sua obra em segredo, pois acredita que “o livro foi feito por um espírito tão forte e ardente que poucos ou nenhum são como ele” (PORETE, 2008, p. 230). Por isso alguém dificilmente o entenderia.

Depois de enviar sua obra a essas três autoridades teológicas, foi aberto um novo processo contra Marguerite, dessa vez pelo bispo Philip Marigny, que a conduziu para Paris, deixando-a sobre custódia de Guglielmo Humbert, famoso por ser impiedoso em seus

juízos. Presa por mais de um ano, Marguerite teve a oportunidade de retratar-se diante do tribunal eclesiástico, somente assim não seria condenada à fogueira. Ela deveria confessar suas falhas e negar seus escritos, porém, Porete não o fez. Em 1309 Guglielmo Humbert, seu inquisidor envia o livro para alguns consultores, que identificam quinze proposições como problemáticas. Neste mesmo ano, tais proposições são julgadas e condenadas por 21 representantes teológicos, entre eles, canonistas, bispos e representantes das ordens mendicantes.

Foi no dia 31 de maio de 1310, em um domingo de Pentecoste, que Marguerite Porete foi julgada por um grupo de canonistas regente, que a condenou como *herética e relapsa*, a entregando para o braço secular, que é o executor das sentenças de morte. Em 1 de junho do mesmo ano, em uma sessão pública e solene, realizada na Praça de Greve em Paris, Marguerite é queimada na fogueira, juntamente com ela sua obra, o *Mirouer*. Seu livro deveria ser destruído por todos, e aqueles que o tivessem guardado seriam excomungados. Vejamos a sentença de Porete:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito santo, amém!
 Sabe-se muito bem e tem ficado muito claro para nós, através de uma esclarecedora argumentação, William de Paris, dominicano e inquisidor da depravação herética pela autoridade apostólica, que tu, margarida de Hainaut, chamada a Porete, és fortemente suspeita de mancha de depravação herética.
 Por causa dessa suspeita, nós ordenamos que fosses intimada a comparecer diante de nós para seres julgada. Compareceste a esse inquérito judicial e foste, pessoalmente, ordenada por nós, canonicamente e legalmente, em várias ocasiões para declarar, sob juramento, a completa, pura e plena verdade sobre o que tu e outras falaram a respeito daquelas coisas que se sabem caíram sob jurisdição do ofício do inquisidor (que me foi confiado). Mas recusa-te a fazer o juramento. Embora tenhas sido questionada por nós muitas vezes e em muitos locais sobre esse assunto, sempre permaneceste contumaz e rebelde quanto a essas questões; por causa de tua notória contumácia e rebeldia é que, com a orientação oferecida por muitos homens sábios, pronunciamos uma sentença de extrema excomunhão para ti, como uma pessoa rebelde e obstinada, quanto para teus escritos. Embora essa sentença tenha sido te dada a conhecer, endureceste tua alma pertinazmente por quase um ano e meio depois que foste notificada e persistisse nesse estado, apesar do fato que nós frequentemente te oferecemos os sacramentos da absolvição, que te seria concedido de acordo com a prática eclesiástica, tão logo humildemente o solicitaste. Até agora, contudo, tu tens desdenhado a oportunidade de pedir absolvição e até agora não desejaste nem abjurar nem nos responder acerca dessas questões. Por conta da tua recusa a fazer essas coisas e de acordo com os santos cânones, nós te declaramos uma herética convicta e confessa. Além disso, enquanto tu, Margarida, permaneceres obstinada nestas rebeldias, nós, desejando ser guiados pela sabedoria, começamos a exercer contra ti a inquisição requerida pela autoridade que nos foi confiada. Portanto, nós abrimos um caso na questão referente aos assuntos já mencionados, tal como a ordem de vida requer. Esta inquisição e audiência deixaram bem claro para nós que escreveste um livro pernicioso contendo heresias e erros. Por causa desses erros, esse livro foi condenado pelo renomado Guy, recente bispo de Cambrai, e foi, por ordem dele, publicamente e inequivocamente queimado na tua presença. O mesmo bispo te proibiu expressamente, sob pena de excomunhão, escrever de novo, possuir ou fazer uso de tal livro (ou outro semelhante). O senhor bispo Guy expressamente acrescentou e colocou seu selo na seguinte ordem: se usasses outra vez aquele livro, ou enfocasses as questões

contidas nele, tanto por escrito ou oralmente, serias condenada como uma herética e deverias ser entregue à justiça secular para seres julgada. Depois disso, mantiveste e fizeste uso da matéria contida nele em oposição à proibição do bispo, o que ficou bem claro pelas investigações do inquisidor de Lotaringia e perante o reverendíssimo pai e senhor, João, então bispo de Cambrai e agora arcebispo de Sens. Além disso, enviaste o mesmo livro, sem mencionares que já tinha sido condenado e sem removerdes as partes condenadas, como se fosse bom e lícito, ao reverendo pai senhor João, bispo de Chalons, e às outras pessoas; tais ações ficaram claríssimas para nós por testemunhas que juraram em nossa presença. Consideramos cuidadosamente todas as questões acima mencionadas e nos aconselhamos com vários peritos em relação à verdade dos dois lados [da questão]. Finalmente, tendo em mente Deus e os Santos Evangelhos, e com o conselho e aprovação do reverendo pai e senhor Lord G., pela graça de Deus, bispo de Paris, nós te condenamos, Margarida, não apenas como herética, mas também como herética relapsa, e nós te abandonamos à justiça secular, pedindo que ela aja com misericórdia para contigo, tanto quanto as sanções canônicas permitirem, exceto a morte e a mutilação do corpo. Sendo que teu livro herético e errôneo contém heresia e erros, segundo julgamento e decisão dos mestres em teologia docentes em Paris, nós finalmente te condenamos e desejamos que sejas excomungada e queimada e ordenamos individualmente e como grupo - que todos aqueles no distrito que possuem tal livro, sob pena de excomunhão, que o entreguem sem fraude a nós ou ao prior dos dominicanos em Paris, nosso agente, antes do próximo festival dos apóstolos Pedro e Paulo (ALMEIDA, 2011, p. 197-198).

Mesmo depois da morte de Marguerite, e de seu livro ter sido condenado, isso não foi impedimento para a propagação das palavras de nossa autora. As palavras de Porete se espalharam, ultrapassando os limites da França e de seu tempo, chegando ao nosso encontro. Muitos exemplares na versão francesa (picarda) foram salvos, outros em latim. Vale ressaltar que a autoria do livro permaneceu desconhecida até o século XX, quando então surgiram novas versões em italiano antigo e inglês médio. Atualmente podemos encontrar exemplares traduzidos para várias línguas modernas, inclusive para o português.

2.4 O MIROUER: O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES

A obra de Marguerite, intitulada *O Espelho das Almas Simples*, pode ser compreendida como um relato da experiência de vida e espiritualidade da autora. Muito mais que um simples livro, Porete nos escreve um tratado, com o intuito de conduzir seus leitores ao encontro com o divino. Para melhor compreender seu livro faz-se necessário o entendimento de seu título: *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. No período medieval era natural encontrar nos livros a utilização de metáforas e do termo *Espelho*. Já nos textos bíblicos, em Gênesis, por exemplo, encontramos versículos que dizem que o homem é imagem e semelhança de Deus. Com isso podemos compreender que o “espelho” que Porete cita no título de sua obra é como um guia espiritual, o homem é a imagem e a semelhança de Deus e assim deve ser o seu reflexo, refletindo não somente em seu corpo físico, mas também, ser semelhante em

atributos. Ao olhar no espelho o homem não deve enxergar a ele, mas sim, a Deus, sua vida deve ser reflexo da bondade e do amor de Deus.

O livro é escrito em forma de diálogo até certo ponto, depois é como se a autora falasse diretamente com o leitor; é composto por alegorias e personagens centrais e outros secundários. Entre os personagens principais temos a dama Amor, que na obra refere-se a Deus e aqui é tratado como feminino, pois no francês antigo a palavra amor era feminina; a Alma, que podemos entender como sendo a própria Marguerite, e a Razão, todas nos são apresentadas como figuras femininas. Entre os interlocutores secundários temos a Santa Igreja, a Grande; a Santa Igreja, a Pequena; o Temor; a Fé; a Cortesia; a Discrição; as Virtudes e a Tentação. Desses personagens, existem alguns que aparecem na obra somente uma vez. Entre os personagens principais existem também variações, a Alma Estupefata, a Alma Liberada e o Entendimento da Razão. Também podemos encontrar personalizações do divino; Amor/Deus se apresenta também como: Verdade, Deus Pai, Espírito Santo.

Toda a obra gira em torno do aniquilamento e do caminho a ser percorrido pela Alma. Esse caminho é composto por três mortes que são elas: a morte do pecado, a morte da natureza e a morte da vontade. Nessa jornada que a Alma (personagem do livro) deve percorrer, ela terá que passar por sete graus/estágios, que a conduzem para o seu encontro com Amor/Deus, naquilo que Porete chamará de morte mística, que acontece no sexto grau, e tem sua continuidade no sétimo grau, quando por fim a Alma abandona seu corpo para viver em uma vida eterna com Deus. Essa união da Alma com a dama Amor só será possível se percorrido esse caminho que conduz ao aniquilamento, esse que é fundamental para a purificação da Alma e, somente assim, Alma e Amor serão uno e viverão essa unidade eternamente.

3. CAPÍTULO II: MORTE MÍSTICA: CAMINHOS PARA O ANIQUILAMENTO

Abordaremos nesse segundo momento os caminhos que a Alma deve percorrer para chegar ao estado de aniquilação, que também irá conduzi-la para a morte mística. Esse caminho é composto por dois momentos, às três mortes e os sete graus/estado. Esses dois momentos devem ser seguidos para que seja possível o encontro/retorno da Alma com o seu Amado, entretanto, no que diz respeito aos sete graus, somente seis deles poderão acontecer em vida. As mortes citadas por Marguerite estão contidas dentro dos sete graus da alma, nas quais a morte do pecado e a morte da natureza se refletem nos primeiros estágios da alma. As mortes e os sete graus foram de fundamental importância para a jornada espiritual que Marguerite percorreu ao longo de sua vida, sendo também essencial para nossa pesquisa, guiando nossa reflexão acerca desse caminho, chegaremos a uma melhor compreensão do aniquilamento e de sua finalidade, questões essas que são essenciais para o desenrolar do seguinte trabalho.

3.1 AS MORTES SEGUNDO MARGUERITE PORETE

Como já foi dito anteriormente, as mortes para Marguerite são divididas em três, são elas: A morte do pecado, a morte da natureza/espírito e a morte da vontade. Cabe-nos compreender, que aqui, as mortes não representam o desfalecimento do corpo material, mas sim, o abandono, o fim e o esquecimento dos desejos e das vontades mundanas. As mortes compõe o esvaziamento da vontade do EU, é o morrer para o mundo e o viver para Deus. A morte como desfalecimento acontecerá no sétimo Grau, quando, por fim, a Alma abandona seu corpo material, e viverá na eternidade com seu amado, esse é o momento em que acontece a morte real, onde a Alma (personagem do livro) viverá eternamente na vida de glória depois de passar pelo processo de aniquilação.

A primeira morte, a morte do pecado corresponde a um dos primeiros momentos que a Alma deve seguir para cumprir sua jornada. Segundo PORETE (2008, p.113) na primeira morte, a Alma deve “morrer inteiramente de tal maneira que não permaneça nela nem cor, nem sabor, nem odor de coisa alguma do que Deus proíbe na lei”. Os que passam por essa morte, estão agora a viver a “vida de graça”, e se guardam de fazer aquilo que não competem às leis de Deus, mas fazem aquilo que Deus manda. Nessa primeira morte a Alma não sente arrependimento ou remorso na consciência, e diz a verdade, entretanto, nesse momento, tal Alma ainda não tem o devido entendimento de suas ações, ela segue os mandamentos de Deus, não por compreendê-los, mas porque assim Deus a ordenou. Essa morte, não livra a

alma de viver uma vida material, pois como já foi dito aqui ainda lhe falta o entendimento das leis de Deus. Nesse momento, a Alma ainda não foi agraciada com os “conselhos” de seu Amado, com isso, é possível compreender essa primeira morte como um chamado universal, no qual todos podem ouvir. A morte do pecado é o primeiro passo para a jornada do aniquilamento e está relacionada com o primeiro grau/estágio da Alma: é o reconhecimento da vida errante.

Depois da morte do pecado, a Alma agora deve morrer para sua natureza, aqui também, sua vida ainda é guiada pela razão. Chegando ao momento da segunda morte, a Alma não pode mais se omitir diante dos mandamentos de Deus, e devem considerar os conselhos que ele dá a seus “amigos íntimos”, seus escolhidos especiais, os conselhos do evangelho. Diferente da primeira morte, a morte da natureza busca o abandono dos bens materiais, das honras e dos prazeres. Aqui a Alma procura viver uma vida simples, mesmo ainda sendo uma vida de certa forma guiada pela razão, a Alma começa a compreender o verdadeiro significado do *imitatio Christis*, o abandono da vida material, o esvaziamento do EU. Aqui ela passa a viver inteiramente a vida do espírito e todo o ardente amor divino. Esse momento Marguerite denomina como “vida triste” e “vida do espírito”. Aqui também, deixa uma mensagem para aqueles que são tristes. Vejamos a seguinte citação:

[...] queria ainda dizer aos que são tristes que aquele que se mantiver na paz e realizar perfeitamente a vontade do ardor do desejo, cortando a obra de seu espírito, assim como já disse, regulando seus sentidos tão estritamente que eles não funcionam mais por deliberações que estão fora da vontade do espírito, este obterá como herdeiro legítimo, maior proximidade com este estado do qual falamos (PORETE, 2008, p. 139).

Na morte da natureza, na vida do espírito ou vida triste, a Alma vive com todo ardor a vontade do desejo, porém, ela deve extirpar a obra de seu espírito. Com o abandono da obra, a Alma também abandona a si mesma, aqui não existe temor algum por parte da Alma, pois Deus nada teme e por isso a Alma não tem nada a temer. Para Porete (2008, p.139) a vida do espírito é a “serva mesquinha que prepara o abrigo para a chegada do grande estado de Liberdade do Nada Querer, pelo qual a Alma é satisfeita em todos os pontos [...]”. Esse nada querer permite com que a Alma tenha tudo, é uma espécie de via negativa. Ainda nessa segunda morte a Alma segue acompanhada pelos intermediários entre ela e Amor/Deus, dentre eles, estão as virtudes, que nesse ponto são fundamentais para a aproximação com o divino, mas é importante compreender que elas são necessárias até certo momento, depois disso, a Alma deve abandoná-las. O abandono das virtudes pela Alma é necessário, pois, tal Alma só deve obediência a Deus, e se continuasse a seguir com as virtudes, essa Alma

passaria a servi-las e não o contrário. Contudo, o abandono das virtudes se dá por meio da Alma, agora as virtudes servem à Alma e não o contrário. Segundo PORETE:

[...] É bem verdade que essas Almas abandonaram as Virtudes, no que diz respeito à sua prática. Contudo, as Virtudes não as abandonaram, pois estão sempre com elas, mas em perfeita obediência a elas. Por meio deste entendimento, a Alma deixa as Virtudes e elas estão sempre com ela. Pois se um homem serve a um mestre, ele é daquele a quem serve, mas o mestre não lhe pertence (PORETE, 2008, p. 64).

O abandono das virtudes pela Alma é necessário, pois tal Alma só deve obediência a Deus, e se continuasse a seguir com as virtudes, essa Alma passaria a ter como seu “mestre” a própria Virtude, mas quando as abandonam, as virtudes passam a servi-la. O abandono das virtudes se dá por meio da Alma, agora as virtudes servem a Alma e não o contrário.

Depois da morte da natureza, que é a preparação para a terceira morte, e ainda o início da jornada, por fim, iremos dirigir nossa reflexão acerca da morte da vontade, essa que de todas, podemos compreender como indispensável para o processo do aniquilamento. Junto com essa terceira morte irá também acontecer, os graus da Alma, assim como se fez com as duas primeiras mortes, morte do pecado e da natureza.

A morte da vontade acontece quando a Alma tem o entendimento que a mesma deve abandonar suas vontades mundanas, e até mesmo, a vontade de encontrar com seu amado. Tal morte é a representação do esvaziamento das vontades e dos desejos do EU, é o despojamento total da Alma. Aqui a Alma obedece somente à vontade de Deus, onde, a vontade de seu Amado passa a conduzi-la em sua jornada de purificação. Na morte da vontade, podemos entender que esta se encontra lado a lado dos graus mais elevados da Alma. Nesse momento, a Alma está cada vez mais perto do seu encontro, ou porque não dizer, do seu reencontro com Deus.

Como já foi dito anteriormente, a morte da vontade é fundamental para o encontro/reencontro da Alma com a dama Amor (Deus), pois, quando a Alma ainda tem sua vontade ela fica limitada ao mundo “criatural”, seu entendimento e intelecto, também se limitam a esse mundo, sendo assim, tal Alma não poderia transcender e encontrar a Deus, se sua vontade não estiver morta. Para Silvia Schwartz:

Se a alma permanece com sua vontade, ela se volta para as coisas criadas e, conseqüentemente, sua habilidade e seu intelecto ficam limitados. O intelecto, gerado pela habilidade e controlado pela vontade, só fornece o conhecimento permitido pela vontade. [...] À medida que a vontade permanece no mundo criatural, das coisas, o intelecto estará limitado a esse mundo e, portanto, o conhecimento será de um tipo particular. A alma deve devolver sua vontade a Deus livremente para atingir o estado de perfeição espiritual. Ela deve se esvaziar, se tornar um verdadeiro nada que pode ser preenchido apenas pela vontade e pela compreensão divinas. Se a perfeição é atingida, no estado de aniquilação, a alma não deseja mais sua própria vontade, mas apenas o desejo divino deseja nela (SCHWARTZ, 2005, p. 256-257).

Quando a morte da vontade humana não se concretiza, a Alma fica presa ao mundo e as coisas que nele estão, ela se prende a subjetividade do seu EU, a sua própria vontade, impedindo que a vontade de Deus seja executada nela. Para encontrar seu amado e unir-se a ele, essa Alma precisa matar seus desejos mundanos, suas vontades, pois ela não pode reinar no trono do criador. À medida que a vontade da Alma permanece nela, seu amado afasta-se dela. A vontade da Alma é impedimento para esse encontro, para o aniquilamento. Segundo MARIANI (2008, p. 156) “A alma que não se dispõe a perder sua vontade não está preparada para falar a Amor [...]. A bem-amada é aquela que não teme perda nem ganho, senão somente pelo bom prazer de Amor, pois de outro modo, ela encontraria seu próprio interesse e não o dele”.

A Alma preparada para seu encontro com o Fino Amor, morre para suas vontades, abandona o mais profundo do seu EU, esvaziando-se completamente de si, pronta para mergulhar no vazio, no nada desejar, no nada querer; tal Alma está pronta para ser despojada por seu Amado. Na medida em que a Alma nada quer, ela encontra-se somente em seu Amado, estando nele sem ela, estando “totalmente liberada”. Se algo essa Alma quisesse, perderia sua liberdade. “Mas quando não quero nada e perdi tudo para além de minha vontade, nada me falta” PORETE (2008, p. 101-102). A morte da vontade conduziu a Alma ao esvaziamento de si, nesse estado ela nada quer, e nada lhe falta, aqui a Alma encontra-se livre.

3.2 OS GRAUS DA ALMA, ANIQUILAMENTO E RETORNO.

O aniquilamento é uma jornada composta pelas mortes e pelos graus da Alma. Como já foi dito, eles estão interligados e dependem uns dos outros para que o processo de purificação causado pelo aniquilamento venha a existir. A morte do pecado e da natureza/espirito está relacionada aos quatro primeiros estágios da Alma, onde a mesma ainda não é totalmente guiada por Amor/Deus, pois aqui suas vontades permanecem. Já na morte da vontade a Alma vazia de si é conduzida por seu Amado. Tal morte corresponde ao quinto e sexto grau, onde a Alma será tomada ainda em vida pelo Fino Amor e cairá como em um abismo sem fim, no Nada.

Para continuarmos nossa reflexão acerca da questão do aniquilamento e sua finalidade, se faz necessário abordar aqui os sete graus da Alma, sendo que do último nada se pode dizer. O primeiro grau, correspondente à morte do pecado, é como um sopro, um leve sussurrar ao pé do ouvido, é o chamado de Deus, no qual todos o ouvem, mas poucos, só os

escolhidos seguem em frente. Nesse primeiro estágio a Alma deseja conhecer os mandamentos de Deus, onde tocados por ele vivem a “vida de graça”, reconhecendo seus erros. Ainda nesse grau, a “[...] Alma observa e considera, com grande respeito, o que Deus lhe ordenou, amá-lo com todo o seu coração, e também o seu próximo como a si mesma” (PORETE, 2008, p.188).

No segundo grau da Alma, que assim como o primeiro está ligado à morte do pecado e é também a morte da natureza, a Alma reconhece os conselhos de Deus, e passa a ouvir seus “amados especiais”, o evangelho, se abstendo da vida material, da vida de honras. Segundo Porete:

[...] a criatura se abandona e se esforça por agir sob todos os conselhos dos homens, na obra de mortificação da natureza, desprezando as riquezas, as delícias e as honras, para realizar a perfeição do conselho do Evangelho, do qual Jesus Cristo é exemplo. Portanto, ela não teme a perda do que possui, nem a palavra das pessoas, nem a fraqueza do corpo, pois seu Amado não as teme e a Alma tomada por Ele também não as pode temer (PORETE, 2008, p. 189).

No terceiro grau a Alma começa sua busca pela “mortificação da natureza”, e mesmo ainda sendo guiada pela razão, ela consegue ter o entendimento do exemplo de Cristo, não sobre a flagelação, mas referente ao abandono de sua própria natureza e seus desejos materiais. Aqui a Alma começa a entender a verdadeiro *imitatio Christis*, passando a seguir as vontades de Deus, pois nada ela tem a temer, pois seu amado está ao seu lado, e ele nada teme. O entendimento da *imitatio Christis* conduzirá a Alma aos próximos estágios, o terceiro e o quarto *grau*, onde, depois de realizados pela Alma, passará ao quinto e sexto, onde acontece juntamente com a morte da vontade. Nesse estágio, a Alma já abandonou as riquezas, as honras, passando a viver sua vida de forma simples e caridosa. Compreendendo as vontades de seu Amado, a Alma busca fazer aquilo que o agrada, a obra da caridade. Sua vida agora é praticar o bem, amando aos outros como a si mesma, pois é assim que Amor/Deus a ordena, e não somente por ele ordenar, mas também porque tal Alma ama a caridade assim como seu amado as ama. De acordo com Porete:

O terceiro estado é aquele no qual a Alma se considera no sentimento do amor da obra de perfeição, no qual seu espírito decide, por um desejo borbulhante de amor, multiplicar nela tais obras. Isso acontece pela sutileza da compreensão do entendimento de seu amor, que não sabe como oferecer a seu Amado, para reconfortá-lo, nada que não seja o que Ele ama. Pois no amor não é valorizado outro dom, senão o de dar ao amado a coisa mais amada (PORETE, 2008, p. 189).

Nesse terceiro estágio a Alma ainda tem vontades, mas, aqui, tais vontades são de praticar as obras da caridade, as quais seriam, nesse momento, a melhor maneira de demonstrar a seu Amado o seu amor, pois a tais obras Ele ama, e o grande dom de amar é oferecer aquilo no qual Deus ama. Nesse estágio nada seria um martírio para essa Alma, exceto a “abstinência

da obra que ela ama, que constitui a delícia de seu prazer e da vida da vontade que disso se nutre” (PORETE,2008, p.189). Aqui Alma ainda precisa de intermediários entre ela e seu Amor, por isso, a dificuldade de abandonar as obras da caridade. Quando a Alma abandonar suas vontades, ela também abandonará a vontade de praticar as obras, nas quais ela encontrou tal “delícia”, ocorrendo, assim, a terceira morte, a morte da vontade e a elevando para o quinto e também o sexto grau, esses que são os estágios mais elevados que a Alma pode ter em vida.

Para se chegar ao quarto estágio é preciso que a Alma negue a sua própria natureza, abandonando tudo o que for externo a ela, e matando a sua própria vontade. Para tal feito, ela compreende que somente realizando as vontades de Amor ela poderá destruir sua própria vontade. Com esse entendimento a Alma é absorvida por todo o amor divino, onde fica completamente inebriada e preenchida por esse Amor, chegando a esquecer de quem ela é diante de tanto amor divino que no qual foi derramando sobre si, e pensando que este estágio pode ser o mais elevado que a alma humana pode alcançar em vida. Diante de tão magnífica manifestação de Amor quase incompreensível para quem o contempla, a alma fica confusa sem saber realmente o que está acontecendo. Segundo PORETE (2008, p.190-191) “[...] a Alma não pode valorizar outro estado, pois o grande brilho de Amor ofuscou tão completamente a sua visão que não a deixa ver nada que não seja o seu amor”. Nesse sentido é preciso tomar cuidado com esse quarto grau da Alma, pois o mesmo a confunde, a deixa entorpecida, não a impedindo de enxergar a possibilidade da existência de outro grau.

O quarto grau apresenta uma doçura imensurável do amor de Deus, por isso confunde as pobres Almas que não tem a sabedoria, não permitindo perceber que a bondade e o amor de Deus tem muito mais a oferecer. O quarto grau não é o último, e tão pouco o mais elevado, a Alma que nele permanecer estará abdicando da mais alta elevação que se pode ter em vida, elevação essa que tem seu início no quinto grau e se completa em total plenitude no sexto estágio.

Os quatro primeiros graus são estágios iniciais, onde a Alma ainda tem sua vontade e está passando pelas primeiras mortes, a do pecado e a da natureza/espírito. Agora, nesse momento iremos dirigir nossa reflexão para o quinto grau da Alma, onde já teria acontecido a morte da vontade. O quinto grau, é o momento em que a Alma se vê como pura maldade, diferente do quarto estágio em que ela encontra-se com os seus sentidos ofuscados diante do amor divino, diante de tanta luz. Nesse “degrau” a Alma recobra sua consciência e passa, a saber, qual é sua real vontade e qual é a vontade que Deus quer que ela queira. A natureza

humana da alma é substituída por uma natureza divina, onde apenas a vontade de Deus é realizada, as vontades da Alma não existem mais, pois agora prevalece na Alma e é realizada pela Alma somente a vontade divina.

Nesse quinto grau a Alma desprovida de seus desejos e anseios humanos e que faz apenas a vontade divina se depara com o nada querer, percebendo o nada que ela é diante de tão grande bondade que a envolve, ela é totalmente separada de sua natureza mundana e má, já que na imensidão da luz foi capaz de perceber quão transgressora e maldosa ela era. Quando finalmente a alma encontra-se livre de sua vontade, ela consegue se desprender dos seus pecados e de tudo o que é externo a ela. Essa Alma tão sofrida e pequena agora descansa no abismo profundo da benevolência de Deus, chegando ao ponto em que o próprio Deus se mostra a ela por pura bondade, fazendo-a saber o quanto insignificante e má ela é perante Ele, mas, na verdade, tornou-se pela misericórdia e bondade divina “digna” de encontrar seu Amado e tornar-se una com Ele. Nesse grau, diferente do quarto, a Alma abandona todos os seus desejos humanos, sua natureza, e passa a ter em si uma natureza divina, a Alma torna-se simples e humilde, convertendo-se ao nada. Sobre o quinto grau nos fala Porete:

Agora essa Alma descansa nas profundezas, onde não há mais fundo, e por isso é profundo. Essa profundidade lhe faz ver muito claramente o verdadeiro Sol da altíssima bondade, pois ela não tem nada que lhe impeça essa visão. A Bondade divina se mostra a ela por bondade e a atrai, transforma e une pela conjunção da bondade, na pura Bondade divina, a qual é a senhora. A compreensão dessas duas naturezas das quais falamos, a Bondade divina e a maldade (da Alma) é o instrumento que lhe deu essa bondade. Por isso ela deseja somente um [...]. A Misericórdia fez as pazes com a firme Justiça, transformando tal Alma em sua bondade. Agora ela é tudo e, assim, não é nada, pois seu Bem-Amado a fez una (PORETE, 2008, p. 193).

No quinto degrau quando acontece a morte da vontade, a Alma caminha em direção ao aniquilamento. Aqui abandona as vontades e deixa de ser pura maldade, pois a misericórdia divina a transformou. O caminho a ser percorrido agora vai ao encontro do nada, ao abismo mais profundo, aqui a Alma cai em direção a sua purificação e unidade com o divino. Ainda sobre o quinto grau, nos fala Silvia Schwartz:

Esse estágio é o lugar mais baixo, um abismo de pobreza e humildade ou simplesmente um “vale”. Em sua essência, a alma deve atingir o fundo antes de ascender. Dessa maneira, ela retorna a seu estado original, sem reter nada de si, e passa a realizar a perfeita vontade divina. Ela transformada na natureza do amor por esse dom que nela opera e não precisa mais lutar contra sua natureza. Esse estágio que a alma cai do amor ao nada, sem o qual ela não pode ter tudo. Todo o orgulho e o sentimento de amor possessivo do quarto estágio são eliminados (SCHWARTZ, 2005, p. 224).

O quinto “degrau” é o último que a Alma percorre para ao abismo do nada, vale aqui ressaltar a existência de uma via negativa, assim com em Pseudo-Dionísio. O nada é um cair

no abismo de “pobreza e humildade”, é o mais baixo nível antes da ascensão, no qual a Alma deve passar para, então, chegar ao sexto estágio. “[...] a ascensão é mostrada como uma queda, pois a alma “cai” das virtudes no amor e do amor na aniquilação e na liberdade” (SCHWARTZ, 2005, p.224). Depois de cair no abismo profundo, a Alma ascenderá e estará purificada e aniquilada, tendo por fim retornado ao seu lar, seu lugar original. Com isso nos dirigimos ao sexto grau, quando por fim a Alma encontra-se em ascensão total com seu amado.

Por fim é chegada a hora da reflexão sobre o sexto estágio/grau. O sexto grau da Alma é o último, antes do desfalecimento do corpo físico, é o lugar onde a alma está totalmente liberta e envolvida no abismo da glória de Deus. Neste abismo tal alma não se vê mais, nem vê a seu Amado/Deus, mas Ele por sua majestosa luz a vê e se vê nela, mostrando que não existe nada fora Dele e que tudo que ela conhece é Dele, para Ele e por Ele. Para Porete:

O sexto estado é aquele no qual a Alma não se vê mais, qualquer que seja o abismo de humildade que tenha em si; nem vê Deus, qualquer que seja a altíssima bondade que Ele tenha. Mas Deus se vê nela por sua majestade divina, que, por si, clarifica essa Alma de tal forma que ela não vê nada que não seja Deus mesmo, Aquele Que É, no qual todas as coisas são. E esse que é, é Deus mesmo. Por isso, ela não vê senão a si mesma, pois quem vê Aquele Que É, não vê senão Deus mesmo, que se vê nessa Alma mesma por sua majestade divina (PORETE, 2008, p. 193-194).

De acordo com Porete (2008) nesse estágio a alma não conhece senão a Deus, não louva senão a Ele, pois não há nada senão Ele. O abismo do sexto estágio/grau, em que a alma se encontra, retrata todo o processo percorrido por ela e, principalmente, mostra como um ser tão insignificante chegando a ser comparado com o nada pode alcançar a dimensão divina. Nesse degrau a alma ainda não está glorificada, mesmo tendo chegado a tão elevado nível, mas aqui está coberta com o manto da humildade e do desinteresse, que foram requisitos para que tal Alma, juntamente com Amor, pudesse chegar tão alto.

No sexto grau/estágio pode-se compreender melhor a metáfora do espelho. Aqui a Alma está livre da *imagem humana*, e envolta na *imagem divina*, onde segue completamente o exemplo de Cristo, se transformando no *espelho* que reflete a imagem de Deus. Segundo Mariani:

O sexto degrau consiste no despojar-se da imagem (humana) e no revestir a imagem da eternidade divina, pelo esquecimento total e perfeito da vida transitória e temporal, de tal modo que, feito filho de Deus, e atraído por Deus, o homem se transmude em imagem de Deus. (MARIANI, 2008, p.140)

A transmutação da Alma em espelho de Deus só pode acontecer no sexto grau, que é onde tal Alma encontra-se totalmente aniquilada e mergulhada no *nada*. Somente no nada é

possível purificar-se, pois o mesmo é a condição que permite tal feito, é no nada que a Alma se uniu a seu bem Amado/Deus, e aniquila-se por completo. Para NOGUEIRA:

[...] ser nada é condição para o aniquilamento da alma, que só se torna realmente aniquilada quando chega ao sexto grau, pois no quinto ela ainda está na abundância da compreensão divina [...]. No sexto estágio, por sua vez, por maior que seja o abismo da humildade que tem em si e por maior que seja a bondade de Deus, a alma não possui mais nenhum tipo de compreensão, aí, sim, ela se encontra no puro nada. Nesta pureza e clarificação, ou seja, sem nenhum empecilho, a alma se torna espelho, isto é, superfície limpa e lisa, capaz de refletir o que tem diante de si: o divino. (NOGUEIRA, 2013, p. 168)

A Alma torna-se imagem de Deus, reflexo do divino, pois se encontra em um estado de êxtase total, no mais puro nada, na mais elevada experiência mística, possível de realizar ainda em vida, a Alma encontra-se no sexto grau, no ápice total com o *Longeperto*. Segundo NOGUEIRA (2013, p. 168) o “[...] Longeperto que é descrito em *O espelho* como superabundante e arrebatador [...] é chamado de centelha pela forma de abertura e rápido fechamento”. Nesse abrir e fechar da *centelha* acontece o aniquilamento total da Alma, é como um clarão, um flash de luz, que acontece de maneira tão rápida e arrebatadora, que a Alma não pode compreender, a única coisa que ela pode falar sobre tal estado, é que está purificada, aniquilada e agora ela e Ele/Deus são um só. A Alma agora é um espelho *crystalino*, onde seu reflexo é o reflexo de seu Amado/Deus.

Depois de concluir o aniquilamento, onde acontece no sexto estágio, a Alma, Una com Deus e reflexo dele, retorna para o quinto estágio. No quinto grau ela permanece até o momento do seu reencontro com seu bem Amado/Deus, que é onde, por fim, viverá sua vida de glória, a vida eterna, que só acontecerá no sétimo grau/estágio, quando a Alma desencarnar de seu corpo material. Sobre o sétimo grau, nada se pode falar, pois, “Amor o guarda em sim para nos dar na vida eterna” (PORETE, 2008, p. 194).

4. CONCLUSÃO

O trabalho procurou demonstrar o papel da mulher no período medieval e como era sua aceitação por parte dos integrantes do Clero, ao expor suas palavras e ideias, que eram independentes das regras religiosas. Demonstramos como a ordem das beguinhas atuava de forma significativa na Idade Média e como influenciaram o movimento místico feminino de sua época, onde todas e quaisquer manifestações exercidas fora das regras da Igreja eram condenadas. Evidenciamos, também, como o movimento místico e a ordem das beguinhas foram perseguidos pela Inquisição, exemplificando com nossa autora, que foi condenada como herética e queimada na fogueira, por se contrapor a alguns dos dogmas religiosos. Tivemos como eixo central em nosso trabalho o tema da *morte mística*, procurando especificá-la em torno da ideia do aniquilamento e o caminho que a Alma percorre para chegar a essa finalidade.

Depois de percorrer o caminho que Marguerite descreve em *O espelho das Almas Simples*, podemos compreender de maneira mais clara a questão do aniquilamento e sua finalidade. Os caminhos demonstrados pela autora é condição primordial para o aniquilamento, esse que suprime e esvazia o EU de toda a sua natureza humana, até que não lhe resta mais nada, a não ser o divino. O aniquilamento é vazio, silêncio, é nada e tudo, é a condição única para a *morte mística*. Segundo SCHWARTZ (2005, p. 237) “[...] a ‘morte’ mística figurada como aniquilação tem como seu reverso indissolúvel a vida [...] clarificada da alma nobre e gentil que, tendo se tornado o espelho sem mácula de Deus, [...] repousa em paz”. A morte mística é a grande finalidade do aniquilamento.

O aniquilamento é o motivo pelo qual a Alma busca e percorre incessantemente sua jornada, sendo ele também o próprio caminho para a vida de glória. O aniquilamento é a porta de saída da vida mundana e a porta de entrada para a vida eterna e glorificada que a Alma terá ao lado de Deus. Ele, o aniquilamento, é começo, meio e fim: começo de uma jornada em busca da purificação; meio, no que diz respeito ao próprio caminho, pois a aniquilação e o caminho transformam-se em um só, onde o aniquilamento é caminho para a morte mística e também o próprio encontro com Deus. No que diz respeito ao fim, a aniquilação elimina todo e qualquer resquício de uma vida mundana e finita, acabando com toda e qualquer vontade do EU.

Marguerite nos deixa poucas possibilidades de tentar descrever o sétimo grau, a morte mística e real, contudo, podemos compreender que a autora nos deixa subtendido, através dos caminhos que ela percorre em sua obra, e das palavras que se utiliza para tentar descrever o

aniquilamento, que a morte mística é, como já foi dito anteriormente, o fim da vida mundana e finita. Porém, cabe-nos ressaltar que o fim dessa vida é o recomeço para tal Alma segundo a mística poretiana. Esse recomeço é o reencontro da Alma com o seu Amado, aqui não estamos falando somente do encontro que a Alma tem com Amor/Deus no sexto grau, mas sim, de um retornar para sua preexistência, para sua gênese. Ao ocorrer a morte mística, efeito do processo de aniquilação, a Alma regressa para o seu lugar de origem, para a sua preexistência, onde era uma só com Deus, antes de vir a existir nesse mundo. A finalidade do aniquilamento seria, então, devolver para o criador sua criatura, levar de volta para casa o filho pródigo. O aniquilamento é caminho e morte mística, é o retorno e a vida eterna, é o regresso de um filho para seu lar.

REFERÊNCIAS

Fonte primária:

PORETE, Marguerite. **O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.

Fontes secundárias:

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição: A religiosidade no final da idade média, as beguinas e Margarida Porete**. São Paulo: Hagnos, 2012.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. **Marguerite Porete, teóloga do século XIII: Experiência mística e teologia dogmática em *O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete***. 2008. 219 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Puc-sp, São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão”. In: **Mirabilia**17, 2013/2, p.153-173. Disponível em:

<<http://www.rev.istamirabilia.com/issues/mirabilia-17-2013-2>>.

Acesso em 23 de março de 2016.

OLIVEIRA, Loraine. “Considerações sobre o uso adequado do termo “mística” na filosofia de Plotino”. In: **Perspectiva filosófica** – a experiência humana do Divino, Recife, v. I, n. 35, jan./jun.2011.

SCHWARTZ, Silvia. “Marguerite Porete e a “teologia” do feminino divino”. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, edição 385, 19 de dezembro de 2011, p. 63-68.

SCHWRTZ, Silvia. **A béguine e al-Shaykh: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn’ Arabi**. 2005. 327 f. Tese (Doutorado) – Curso e Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. **Apresentação** de *O espelho*. In: *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2008, p. 17-29.

TROCH, Lieve. “Mística feminina na Idade Média – historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais”. [Periodicos.ufpb.br/ojs2/ index.php/grafos/ article/viewFile/.../935](http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/grafos/article/viewFile/.../935). Acesso em 29 de março de 2016.